



CONFERÊNCIA DA FAMÍLIA FRANCISCANA

CREMOS NO AMOR

CARTA POR MOTIVO DO VIII CENTENÁRIO
DO NASCIMENTO DE SANTA ISABEL
PRINCESA DA HUNGRIA, GRANDE CONDESSA DA TURÍNGIA,
PENITENTE FRANCISCANA

A todas as Irmãs e irmãos da Família Franciscana,
de modo especial,
a todas as irmãs e irmãos da Terceira Ordem Regular
e da Ordem Franciscana Secular,
que se honram em ter a Santa Isabel como patrona:
a misericórdia de Deus inunde vossos corações.

1. VIII centenário, 1207 – 2007

No próximo ano de 2007, celebraremos o VIII centenário do nascimento de Santa Isabel, princesa da Hungria, grande Condessa da Turíngia e penitente franciscana. Este ano jubilar iniciará em 17 de novembro de 2006, festa de Santa Isabel, e se encerrará no mesmo dia de 2007.

A Terceira Ordem Franciscana a honra como patrona e toda a Família Franciscana a tem entre suas glórias. Queremos aproveitar esta ocasião única para apresentar sua figura excepcional de entrega a Deus Pai, no seguimento de Cristo e na sublimação de todo seu ser em Deus-Amor.

O Papa Bento XVI, na encíclica programática de seu pontificado, *Deus caritas est*, nos recorreu qual é a opção fundamental do cristão expressa com estas palavras: *Cremos no amor de Deus*. Desejamos que nossa fé seja fortalecida neste encontro jubilar com Santa Isabel que acreditou profundamente no amor.

Na vida de Santa Isabel se manifestam atitudes que refletem literalmente o Evangelho de Jesus Cristo: o reconhecimento do senhorio absoluto de Deus; a exigência de despojar-se de tudo e fazer-se pequena como um menino para entrar no reino do Pai; o cumprimento, até suas últimas conseqüências, do mandamento novo do amor.

Esvaziou-se de si mesma até fazer-se acessível a todos os mendigos. Descobriu a presença de Jesus nos pobres, nos rechaçados pela sociedade, nos famintos e enfermos (Mt, 25). Todo o empenho de sua vida consistiu em viver a misericórdia de Deus-Amor e fazê-la presente no meio dos pobres.

Isabel buscou o seguimento radical de Cristo que, sendo rico se fez pobre, no mais genuíno estilo de Francisco. Abandonou as aparências e ambições do mundo, a pompa de sua corte, as comodidades, as riquezas, as vestes de luxo. Desceu de seu castelo e pôs sua tenda entre os desprezados e feridos para servi-los. Foi a primeira santa franciscana canonizada, moldada na forma evangélica de Francisco.

É certo que as efemérides que celebramos se perdem na penumbra de um passado remoto, envolto em lendas, mas estamos convencidos de que, se neste ano jubilar nos encontrarmos com a santa e sua obra, mais além da lenda, sairemos enriquecidos em nosso ser e em nosso agir.

2. Legenda e vida de Santa Isabel

Sua vida foi entrelaçada de lendas, fruto da veneração, da admiração e da fantasia, que evidenciam aspectos importantes de sua personalidade. Mas nos interessa mais a história que se esconde atrás das lendas. Queremos conhecer sua personalidade, sua santidade única e desafiadora. As lendas que envolvem sua pessoa são as cores vivas de sua imagem, são a metáfora dos fatos; não as podemos tampouco menosprezar.

Quem foi Isabel? Uma princesa da Hungria que nasceu em 1207, filha do Rei André II e de Gertrudes de Andechs-Merano. Segundo a tradição húngara, nasceu no Castelo de Sárospatak, um dos preferidos pela família real, ao norte da Hungria. Como data, a tradição só indica o dia 7 de julho. Nos resta seguro só o ano.

Seguindo os costumes da nobreza medieval, Isabel foi prometida como esposa a um príncipe alemão da Turíngia. Aos quatro anos (1211), foi confiada à delegação germânica que foi recolhê-la em Presburgo, a praça forte mais ocidental do reino da Hungria.

Foi educada na corte da Turíngia, junto aos outros filhos da família do Conde e junto ao que seria seu esposo, como era costume então. Casou-se aos catorze anos com Luís IV, Landgrave ou grande Conde da Turíngia. Teve três filhos. Enviuvou aos vinte anos. Morreu aos 24, em 1231. Foi canonizada por Gregório IX em 1235. Um recorde de vida intensa e sofrida, para escalar a santidade mais elevada e ser proposta como exemplo perene de abnegação e entrega.

Existe um mal entendido arraigado entre o povo cristão, devido às lendas e biografias populares pouco rigorosas, que sustentam que Isabel foi rainha da Hungria. Pois bem, jamais foi rainha nem da Hungria, nem da Turíngia, senão princesa da Hungria e *grande Condessa* ou *Landgrave* da Turíngia, na Alemanha. Tradicionalmente se representa a Isabel com uma coroa que usava não como rainha, senão como princesa ou grande condessa.

3. Esposa e mãe

As companheiras e serviçais de Isabel nos contam que sua peregrinação em direção a Deus começou na tenra infância: seus jogos, suas ilusões, suas orações apontam desde seus primeiros anos para algo mais além.

Em 1221, aos 14 anos, casou-se com o Landgrave Luis IV da Turíngia. Luis e Isabel haviam crescido juntos e se tratavam como irmãos. As bodas foram celebradas na Igreja de São Jorge de Eisenach.

Até 1227, Isabel foi exemplar esposa, mãe e *Landgrave* ou *grande Condessa* da Turíngia, uma das mulheres da mais alta estirpe do império.

As relações matrimoniais entre eles não foram segundo o estilo comum da época, ordinariamente marcadas por razões políticas ou de conveniência, senão de afeto autêntico, conjugal e fraterno.

Como casada Isabel dedicava muito tempo à oração nas altas horas da noite, no mesmo quarto matrimonial. Sabia que se dedicar-se a Luís totalmente, mas havia ouvido o convite do “outro esposo”: “*Segue-me*” .

Deste amor com duas vertentes emergia uma profunda alegria e plena satisfação, não o conflito de uma separação interior. Deus era o valor supremo e incondicional que alimentava todos os outros amores: ao esposo, aos filhos e aos pobres.

O milagre das rosas que cita a lenda, não expressa bem estas relações matrimoniais. Quando Isabel se viu surpreendida por seu esposo com a saia carregada de pães, não tinha motivo algum para esconder seus propósitos misericordiosos ao marido. Não havia razão de ser para que aqueles pães se convertessem em rosas. Deus não faz milagres inúteis.

Isabel teve três filhos: Germano, o herdeiro do trono, Sofia e Gertrudes; esta última nasceu

quando já estava morto seu esposo (1227), vítima da peste, como cruzado a caminho da Terra Santa. Ela contava somente com 20 anos.

Com a morte de Luís, morreu também a grande Condessa e se acentuou a irmã penitente. Discute-se entre os biógrafos se foi expulsa do Castelo de Wartburgo ou se partiu. Sua resposta à tristeza e ao abandono foi o canto de agradecimento que pediu para entoar na Capela dos Franciscanos, o *Te Deum*.

4. Isabel, penitente franciscana

Isabel da Hungria é a figura feminina que mais genuinamente encarna o espírito penitencial de Francisco. Há discussão de que Isabel tenha sido terceira franciscana. Devemos destacar que no tempo de Isabel, não se usava ainda o termo “terceira”. Havia já numerosos penitentes franciscanos; muitos homens e mulheres do povo seguiam a vida penitencial indicada por São Francisco e pregada por seus frades.

Os frades menores chegaram a Eisenach, a capital da Turíngia, no final de 1224 ou início de 1225, em cujo Castelo de Wartburgo residia a corte do grande ducado, presidida por Luís e Isabel.

A pregação dos frades menores entre o povo, a que haviam aprendido de Francisco de Assis, era a vida de penitência, ou seja, o abandono da vida mundana, a prática da oração, da mortificação e o exercício das obras de misericórdia. Este estilo de vida o descreve Francisco na carta a *todos os fiéis penitentes*.

Frei Rogério a introduziu na vida penitencial que impregnou em sua alma já aprovada para os valores do espírito. Os testemunhos de seu franciscanismo, que aparecem nas fontes isabelinas, são inegáveis:

- Consta que Isabel doou aos frades franciscanos uma capela em Eisenach.
- Também fiava lã para os frades menores.
- Quando foi expulsa de seu castelo, só e abandonada, acudiu aos Franciscanos para que cantassem um Te Deum em ação de graças a Deus.
- Na Sexta Feira Santa, em 24 de março de 1228, postas as mãos sobre o altar desnudo, fez Profissão pública na capela franciscana. Assumiu o hábito cinza de penitente como sinal externo.
- As quatro serviçais interrogadas no processo de canonização, também tomaram este hábito cinza. Esta túnica vil, com a qual Isabel quis ser sepultada, expressava a profissão religiosa que lhe havia conferido uma nova identidade.
- O hospital que fundou em Marburgo (1229) a pôs sob a proteção de São Francisco, canonizado poucos meses antes.
- O autor anônimo cisterciense de Zwettl (1236), afirmou que, vestiu o hábito cinza dos frades Menores.

O empenho demonstrado por Isabel em viver a pobreza, doar-se toda e dedicar-se à mendicância, não eram as exigências de Francisco a seus seguidores?

Estes testemunhos estão ratificados por outras fontes, que ilustram a vida penitencial de Isabel; tais como as regras e outros documentos franciscanos; o *Memoriale propositi* ou regra antiga dos penitentes e as semelhanças ou conformidades entre Isabel e Francisco.

5. As duas profissões de Isabel

Nas fontes biográficas encontramos duas profissões de Isabel e duas maneiras de professar usadas naquela época. Com a primeira entrou na Ordem da Penitência, quando ainda era vivo seu

esposo. Com suas mãos nas do visitador Conrado de Marburgo, prometeu obediência e continência. Conrado era um pregador da cruzada, pobre e austero, provavelmente sacerdote secular. Isabel, com o consentimento de Luís, o escolheu pessoalmente porque era pobre. Os visitantes não tinham que ser necessariamente franciscanos. São Francisco na regra não bulada (1221) ordena que “nenhuma mulher em absoluto seja recebida à obediência por algum irmão, senão que, uma vez aconselhada espiritualmente, faça penitência onde queira” (Cap. XII).

Com Isabel professaram mais três de suas serviçais ou companheiras que formaram uma pequena fraternidade de oração e vida ascética sob seu superior-visitador Conrado. Depois da morte de seu esposo, elas a acompanharam em seu desterro do Castelo para o reino dos pobres. Foram seu alento nas horas amargas de tristeza e abandono. Com ela emitiram uma segunda profissão pública, na Sexta Feira Santa de 1228, e se consolidou uma comunidade religiosa. Suas serviçais receberam como ela o hábito cinza e se empenharam no mesmo propósito de espalhar a misericórdia de Deus; comiam e trabalhavam juntas, saíam juntas a visitar as casas dos pobres e lhes mandava levar alimentos para repartir com os necessitados. Ao regressar, as estimulava a orar.

Tratava-se de uma vida religiosa plena, para mulheres professoras, sem clausura estrita e dedicadas a um trabalho social: serviço aos pobres, marginalizados, enfermos, peregrinos... era um estilo de vida consagrada no mundo.

Mas a aprovação canônica de um tal estilo de vida comunitária feminina, sem clausura estrita, teve que esperar séculos para ser reconhecido pela Igreja. A vida monacal era então a única forma canônica admitida pela Igreja, para as comunidades religiosas de mulheres.

Isabel, no entanto, soube coordenar ambas as atitudes, a da intimidade com Deus e o serviço ativo aos pobres: “*Mariam induit, Martham non exuit*”; revestiu-se de Maria mas não se despojou de Marta.

Hoje em dia as congregações femininas da TOR são umas 400 com umas cem mil religiosas professoras, que seguem as pegadas de Isabel na vida ativa e contemplativa, e podem chamar-se suas herdeiras.

6. Princesa e penitente misericordiosa

A breve vida de Isabel está saturada de serviço amoroso, de alegria e de sofrimento. Sua prodigalidade e trato com os indigentes provocava escândalo na corte de Wartburgo; não encaixava em seu meio. Muitos vassallos a tinham como uma louca. Aqui encontrou uma de suas grandes cruces: crucificada entre a sociedade à qual pertencia e a daqueles que desconheciam a misericórdia.

Exercendo a plenitude de seu poder, quando era, todavia, a grande condessa, na ausência de seu marido, teve que afrontar as calamidades de uma carestia geral que assolou o país. Não duvidou em esvaziar os celeiros do condado para socorrer aos mendigos. Isabel servia pessoalmente aos abatidos, aos pobres e enfermos. Cuidou de leprosos, a escória da sociedade, como Francisco. Dia a dia, hora a hora, pobre a pobre, viveu e gastou a misericórdia de Deus no rio de dor e de miséria que a envolvia.

Nos infelizes, Isabel via a pessoa de Cristo (Mt. 25,40). Isto lhe deu força para vencer sua repugnância natural, tanto que chegou a beijar as feridas purulentas dos leprosos. Porém, Isabel não só fez uso do coração, mas também da inteligência em sua obra assistencial.

Sabia que a caridade institucionalizada é mais efetiva e duradoura. Enquanto seu marido era vivo, contribuiu na fundação dos hospitais de Eisenach e Gotha. Depois construiu os de Marburgo, obra predileta de sua viuvez. Para sua manutenção instituiu com suas amigas e servas uma fraternidade religiosa.

Trabalhava com as próprias mãos: na cozinha preparava a comida; no serviço aos indigentes hospitalizados; lavava os pratos e não permitia que as servas viessem a substituí-la. Aprendeu a fiar a lã e costurar vestidos para os pobres e ganhar o seu pão de cada dia.

7. Isabel contemplativa e santa

A santidade se apresenta na história da Igreja como loucura, a loucura da cruz. E a de Isabel é uma loucura autêntica. Na sua vida brilha com singular esplendor a virtude da caridade. A sua pessoa é um canto ao amor, composto de serviço e abnegação, voltado a semear o bem.

Propôs-se a viver o Evangelho de modo simples, “sine glossa”, diria São Francisco, sob todos os aspectos: espiritual e material. Ela não deixou nada escrito, porém numerosas passagens de sua vida podem ser entendidas somente a partir de uma compreensão literal do Evangelho. Ela traduziu na realidade o programa de vida proposto por Jesus no Evangelho:

- Quem quer salvar a sua vida, vai perdê-la e quem a perde por causa de mim e do Evangelho a salvará (Lc. 17, 33; Mc. 8, 35).
- Se alguém quiser seguir-me, renegue a si mesmo, tome a sua cruz e me siga (Mc. 8, 34-35).
- Se quiser ser perfeito, vai, vende tudo aquilo que possui, dá aos pobres e segue-me (Mt. 19, 21).
- Quem ama seu pai, sua mãe e seus filhos mais do que a mim, não é digno de mim (Mt. 10,37).
- Qui aime son père, sa mère et ses enfants plus que moi, n'est pas digne de moi (Mt 10,37).

A ardente força interior de Isabel brotava do seu relacionamento com Deus. A sua oração era intensa, constante, e às vezes até o êxtase. A consciência constante da presença do Senhor era a fonte da sua força, da sua alegria e do seu serviço aos pobres. Mas também, o encontro com Jesus Cristo nos pobres estimulava sua fé e a sua oração.

A sua peregrinação a Deus é caracterizada por gestos decididos de desprendimento interior até chegar a uma total espoliação, como o Cristo sobre a Cruz. Ao final de sua vida possuía apenas a pobre túnica cinza de penitência, a qual queria conservar como sinal e hábito fúnebre.

Isabel irradiava alegria e serenidade. No fundo de sua alma existia o reino da paz. Viveu realmente a *perfeita alegria* ensinada por Francisco: na tribulação, na solidão e no sofrimento. “Devemos fazer felizes as pessoas”, dizia ela às servas-irmãs.

8. Conclusão

Isabel atravessou esta vida como um meteoro luminoso e portador de esperança. No coração de tantas almas fez resplandecer a luz. Aos corações aflitos levou a alegria. Ninguém poderá contar as lágrimas que enxugou, as feridas que cuidou, e o amor que soube despertar.

A sua santidade foi uma novidade rica, desdobrando-se em múltiplas facetas e excelentes virtudes. Já não eram mais apenas os mártires e as virgens a serem elevados as honras dos altares, mas também as esposas, as mães e as viúvas.

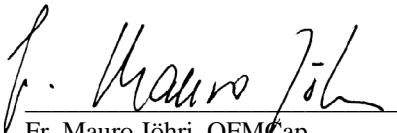
Isabel percorreu o caminho do amor cristão como uma *secular*, na sua qualidade de esposa e mãe. Mas depois da sua segunda profissão, foi mulher totalmente consagrada a Deus e ao conforto da miséria humana.

A Ordem Terceira de São Francisco, tanto regular como secular, se propõem a reavivar a memória da Santa Padroeira no oitavo centenário de seu nascimento e desejam-na propor como luz e modelo do compromisso evangélico. A Família Franciscana quer venerar a primeira mulher que chegou a santidade no seguimento do Cristo, segundo a “forma vitae” de Francisco.

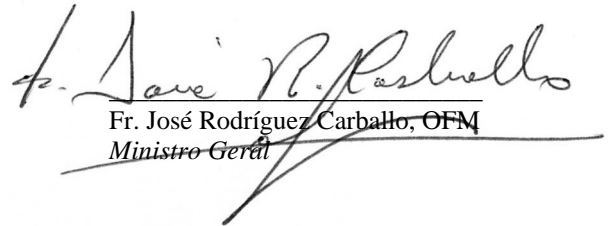
Se fizermos memória do seu nascimento, da sua personalidade singular e da sua sensibilidade é para que, através do conhecimento e da admiração, também nós nos tornemos instrumentos de paz e aprendamos a espargir um pouco de bálsamo sobre as feridas dos marginalizados do nosso tempo, a fazer mais humano o nosso ambiente e enxugar as lágrimas. Vamos difundir a bondade do coração lá onde, aos olhos humanos, parece faltar a misericórdia do Pai. O seu exemplo e a sua

intercessão vão iluminar os nossos caminhos ao Pai, fonte de todo amor: o Bem, Todo o Bem, o Sumo Bem; serenidade e alegria.

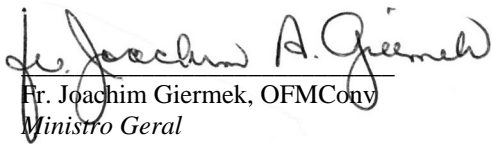
Roma, 17 de novembro de 2006
Festa de Santa Isabel



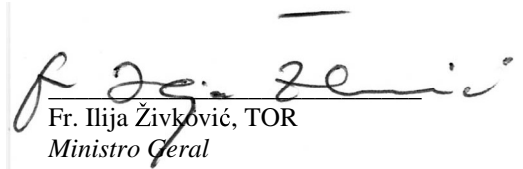
Fr. Mauro Jöhri, OFM^{Cap}
Ministro Geral
Presidente CFF



Fr. José Rodríguez Carballo, OFM
Ministro Geral



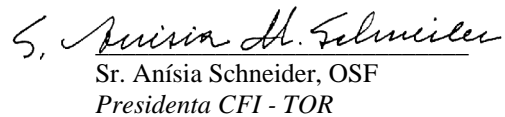
Fr. Joachim Giermek, OFM^{Conv}
Ministro Geral



Fr. Ilija Živković, TOR
Ministro Geral



Encarnación Del Pozo, OFS
Ministra Geral



Sr. Anísia Schneider, OSF
Presidenta CFI - TOR

PRINCIPAIS FONTES

1. Conrado de Marburgo, *Epístola*, também chamada *Summa Vitae*, síntese biográfica.
2. *Dicta quatuor ancillarum* [Declarações das quatro donzelas].
3. Cesáreo de Heisterbach, cisterciense, *Vita sancte Elysabeth lantgravie*, [Vida de Santa Isabel grande Condessa] 1236.
4. Anónimo de Zwettl, cisterciense, *Vita Sanctae Elisabeth, Landgravie Thuringiae* [Vida de Santa Isabel grande Condessa da Turíngia] 1236.
5. Crónica de Reinhardsbrun, el monasterio beneditino.
6. Anónimo Franciscano, *Vita beate Elisabeth*, [Vida de Santa Isabel], do final do séc. XIII.
7. Dietrich de Apolda, dominicano, *Vita S. Elisabeth*, entre 1289 e 1291.